

VELOCIDADE E BIORRITMO: A POSSÍVEL ADAPTAÇÃO DO SER HUMANO AOS RITMOS SOCIAIS VELOZES.

Natália Constantino Diogo¹

Resumo

Este artigo analisa a relação entre a velocidade dos aparatos midiáticos móveis e os ritmos dos corpos dos indivíduos. Após um breve panorama histórico e contextualização do momento atual, mostra as implicações da análise ontogenética da velocidade para o corpo do ser humano e constata que o tempo biológico está em contradição com o ritmo de trabalho e o tempo social. Após destacar a crítica de autores como Paul Virilio, Eugenio Trivinho, Harry Pross e Ashley Montagu, mostra, em diálogo com as pesquisas de Nicholas Carr, indícios de como nossos cérebros podem estar se adaptando a essa nova situação.

Palavras-chave: Aparatos móveis. Velocidade. Corpo. Biorritmo. Adaptação do cérebro.

Introdução

Recentemente tem-se observado uma valorização cada vez maior da *velocidade* no cotidiano. Vamos a um exemplo: se um indivíduo é o mais ágil em uma tarefa de trabalho, provavelmente ele será considerado o mais esperto, o mais eficiente e o mais focado. Essa transformação da velocidade em sinônimo de eficiência e importância parece vir sendo construído ao longo de muitas décadas.

A velocidade aqui não apenas a do ser humano em si, mas dos aparatos que o acompanham. Cada vez mais, as pessoas valorizam o celular ou o computador que atendam mais rapidamente suas necessidades. A internet também não pode ser lenta, deseja-se o maior número de megabytes disponíveis para uma conexão rápida, mesmo que ela seja subaproveitada nas atividades cotidianas, pois não é todo dia que se atenderá a uma conferência ou se verá um show em streaming, por exemplo.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: naticdi@gmail.com

O crédito dado à agilidade aparece até medido em milésimos de segundos. Nas atividades esportivas, por exemplo, os recordes são perceptíveis apenas pelas máquinas, não mais pelos sentidos humanos. Sempre há uma pessoa mais veloz com ajuda de um artefato mais veloz que o anterior. Os aparatos passam a servir à velocidade.

Como Eugênio Trivinho coloca:

Na fase atual do capitalismo tecnológico, *a dromocracia*², na base de tantos recursos e fatores mediáticos disponíveis, se arranja, distintamente, como regime pantópico de velocidade interativa, traduzido em pressões sociais provenientes de todas as partes e de lugar nenhum, que organizam, de maneira consuetudinária, silenciosa e implacável, o social e a cultura contemporâneos (TRIVINHO, 2007, p. 24)

Em 2008, por exemplo, foram 108 os recordes mundiais quebrados graças aos supermaiôs, que auxiliavam no fluxo de oxigênio do corpo do atleta e na hidrodinâmica, combinação que trazia uma velocidade inimaginável aos nadadores. Os supermaiôs causaram polêmica pela assustadora quebra de recordes e seu uso foi restrito pela FINA - Federação Internacional de Natação, o que diminuiu a quebra de recordes desde então.

A cada momento lançam-se novos equipamentos. Não só para os esportistas, mas para o cotidiano: um celular mais moderno, que é mais rápido e possibilita a execução de várias tarefas ao mesmo tempo, por exemplo. Aliás, esta é outra das características vindas com a velocidade – o *multitask*, ou multitarefa, em bom português.

Nossos computadores, celulares, *tablets* foram desenhados para comportar muitas tarefas ao mesmo tempo. Além disso, estes mesmos dispositivos são móveis, nos acompanham o tempo todo e, por meio da tecnologia 3G ou 4G, podem ser *always on*, ou seja, sempre conectados à internet. Assim, não interessa se você está num fim de semana na praia, pode checar seus e-mails, sua conta bancária e interagir com quem quer que seja.

² *Dromos* é um prefixo grego que denota velocidade ou celeridade. Paul Virilio trabalhou com os vetores da velocidade, política e guerra ao criar a noção de dromocracia. A qual, mais a frente, no Brasil, foi trazida para o campo da cibercultura por Eugenio Trivinho.

Os mais jovens são incentivados a ter um perfil multitarefa para procurar um emprego, por exemplo. Até nas atividades mais corriqueiras e de lazer, acaba aparecendo a necessidade de se verificar um e-mail de trabalho. O diretor da empresa tem uma brilhante ideia às 11 horas da noite e o *smartphone* do colaborador permanece na cabeceira da cama com sua luz de aviso de “novo e-mail” chamando-o para uma resposta que no dia seguinte às 8 horas da manhã já será assunto antigo para todos os colegas. Parece haver uma pressão em torno da instantaneidade, da velocidade, de não se executar mais apenas uma função, mas muitas ao mesmo tempo. Todo o tempo é tempo de tudo. Como nos lembra Eugenio Trivinho: “desde, pelo menos, meados do século passado, o paradigma da velocidade vem apagando totalmente a diferença entre a lógica do mundo do trabalho e a lógica do mundo do lazer” (TRIVINHO, 2007, p.91-91).

No entanto, essa valorização da velocidade é algo que autores como Paul Virilio e Eugenio Trivinho já diagnosticaram em outros períodos da história mundial como parte de uma violência simbólica e concreta inerente à história das sociedades³.

O processo de valorização da velocidade

O historiador e filósofo platônico grego Plutarco viveu entre 45 e 120 d.C., e nesta época já afirmava que *estacionamento é morte*. O ser humano é ligado ao movimento e, conseqüentemente, à agilidade desde muito tempo.

Antes mesmo da criação de cidades e assentamentos, na era paleolítica, éramos nômades. A partir da invenção da agricultura, aproximadamente no período neolítico, o homem passa a se fixar por mais tempo. Ainda assim, cria as estradas, as trilhas, as rotas marítimas, que podem ser considerados indícios da natureza nômade do ser humano.

O movimento é parte do ser humano. Na Idade Média, por exemplo, foi alterado um detalhe com relação às fortificações de períodos anteriores. A configuração arquitetônica destes ambientes, com ênfase em seus espaços interiores, permitiu prolongar indefinidamente os combates. Há uma valorização do espaço de forma que permita a movimentação, o assalto. (VIRILIO, 2006, p. 25).

Como nos mostra Paul Virilio (2006, p. 26), onde há movimento, onde há velocidade, há vida e há conflito também. Quando o autor menciona a relação entre

³ Trivinho aponta isso já na abertura do livro *Dromocracia Cibercultural*.

velocidade, movimento e conflito, ele nos abre uma porta para refletir sobre como a velocidade esteve sempre ligada à guerra na história da sociedade. E há indícios neste processo de que quanto mais a tecnologia cria aparatos mais ágeis e que facilitam a movimentação, mais estes vão sendo aplicados para a guerra e o contrário também parece ser verdadeiro: se um equipamento é usado na guerra, tenta-se torná-lo cada vez mais ágil e disponível para o movimento.

Mesmo antes do surgimento de tecnologias que agilizassem as atividades do ser humano, ele já se utilizava do corpo-máquina do animal como objeto da técnica, para carga, transporte e inclusive, trabalho na agricultura. Na Grã-Bretanha, em 1708, Jethro Tull, inventou a primeira forma de mecanização da máquina de semear, sendo esta puxada por tração de cavalos. A partir daí há mulas, bois, camelos, tratores e até mesmo os pombos-correios como animais-máquina.

A partir do século 18, com o surgimento das máquinas a vapor, inclusive dos veículos militares movidos a vapor, o limite do corpo animal foi ultrapassado, há uma troca aqui do limite de velocidade e potência metabólico para o tecnológico.

Neste mesmo período, justamente impulsionada pela energia a vapor, acontece a Revolução Industrial. Muita ênfase é dada neste momento à velocidade, que passa a ser comparada cada vez mais com eficiência. Em 1764, na Grã-Bretanha, inventou-se, por exemplo, uma fiadora rotativa capaz de permitir a um só artesão executar seu trabalho em oito fios de uma única vez. É possível também identificar uma valorização da multitarefa.

Há neste momento um limiar de velocidade cada vez maior e, assim como acontece hoje, nesta época também toda nova máquina tinha que ser contraposta com uma mais rápida (VIRILIO, 1997, p. 56), gerando assim uma obsolescência alta, o que, para a indústria, não é negativo, especialmente num momento de efervescência industrial.

Neste mesmo período, a Inglaterra concentra seus esforços na inovação técnica na área de transportes. Fabrica equipamentos cada vez mais ágeis e se torna, justamente por este motivo, uma grande nação industrial, trazendo, segundo Virílio (1997, p. 56-57), um modelo de superioridade técnica que faz parecer superior em tudo.

Como o autor nos lembra, “não há ‘revolução industrial’ sem ‘revolução dromocrática’, não há democracia sem dromocracia, não há estratégia sem dromologia”⁴. (VIRILIO, 2006, p.50).

O Fordismo, não apenas modifica a produção fabril, com suas esteiras rolantes e a singularização da função do operário, como também altera o modo de vida do cidadão com a produção em série e em grande escala de automóveis a partir de 1914, que causa o aumento do número de estradas e uma nova forma de ver a velocidade no cotidiano, a partir de um uso cada vez maior dos automóveis.

Não só a indústria tem a ênfase na velocidade, mas como Virilio deixa claro, a essência da guerra é a velocidade. As guerras inclusive ajudam a manter sempre a sociedade em movimento pela aceleração do ritmo das agressões.

Em 1916, por exemplo, em plena Primeira Guerra Mundial, para evitar o estacionamento das tropas, portanto, incentivar o movimento e a consequente velocidade, foi criado o veículo blindado, que ultrapassava qualquer terreno e qualquer tecnologia de ataque. Agora a relação do homem com a máquina sofre uma importante alteração. O militar alemão Hermang Goering, que mais tarde seria membro e marechal do partido Nazista, “tornara-se aviador durante a guerra de 1914 porque era reumático e, na infantaria, as longas marchas forçadas eram-lhe penosas” (VIRILIO, 1997, p. 67). Durante toda a Primeira Guerra Mundial, diferentemente da França, que tirava seus inválidos de combate, a Alemanha colocava-os para pilotar aviões, tanques, etc. Máquina e corpo unidos em busca da velocidade. Com a promoção de corpos incapazes para postos que as máquinas possam fazê-los avançar, nunca parar.

Nesta mesma época, nas artes, o Futurismo aparecia como um incentivo à velocidade, um de seus símbolos era o automóvel. Marinetti, por exemplo, contrapunha os carros de corrida à Vitória de Samotracia, dizendo que esta era estética como arte, enquanto aquele era ágil e uma representação do avanço. Numa leitura que nos cabe reproduzir, Virilio⁵ enfatiza que a Vitória de Samotracia fazia parte de uma fonte em forma de proa de navio e os navios são constante movimento, em todas as épocas em que as navegações foram o foco de toda uma sociedade, ou seja, assim como o veículo

⁴ Tradução nossa. Versão consultada: “no hay ‘revolución industrial’ sino ‘revolución dromocrática’, no hay democracia sino dromocracia, no hay ya estrategia sino dromología”.

⁵ Esta questão está abordada no livro Dromocracia Cibercultural, já mencionado anteriormente.

automotor, a Vitória de Samotrácia também representaria, na visão de Virilio e compartilhada por nós, a velocidade.

Décadas depois, durante a Segunda Guerra Mundial, o automóvel continuava a ser visto como uma necessidade e objeto de desejo. É não só a imposição, como a valorização social e cultural do veloz. Como Virilio explica: “Desde a tomada do poder, o governo nazista oferece ao proletariado alemão esportes e transportes. Acabam-se as revoltas, não há necessidade de muita repressão; basta esvaziar a rua prometendo a todos a estrada: é o objetivo ‘político’ do *Volkswagen*, verdadeiro plebiscito já que Hitler convenceu 170.000 cidadãos a adquirí-lo apesar de não haver um único disponível” (VIRILIO, 1997, p. 37).

Conforme Eugenio Trivinho (2007, p. 91) explica, a velocidade “impõe-se como eixo de organização e modulação de toda a existência social, cultural, política e econômica”.

Houve um caminho percorrido em três etapas, segundo Virílio (1997, p. 28) passamos da grande máquina-móvel para o Estado-máquina e numa terceira fase, mais recentemente, chegamos ao planeta-máquina.

Desenhado este diagnóstico inicial, que compreende as duas primeiras fases, passemos ao momento contemporâneo. Após séculos vendo a velocidade como forma de organização social, cultural e política – sendo esta parte sempre das relações bélicas, mas também de todo o restante –, é perceptível que a velocidade auxiliou na criação de uma civilização mediática, estando especialmente presente nas mídias de massa, momento no qual passou do mundo fabril para a sociedade no geral⁶.

Se levarmos em conta aquelas características já mencionadas no início deste texto, é possível notar que, na realidade, não só auxiliou, como permeia todo o comportamento desta sociedade voltada à mídia de forma incessante e como parte de um senso comum, que diz ao indivíduo, que ser veloz é natural e positivo. Conforme já mencionado inicialmente neste artigo, a velocidade atualmente organiza a sociedade e a cultura de forma silenciosa e como uma imposição. E isso se torna mais enraizado, como nos lembra Trivinho (2007, p. 68), a partir da ciberespacialização de todo o cotidiano, seja trabalho ou lazer.

Corpo e Velocidade

⁶ É possível verificar mais sobre este mesmo tema em TRIVINHO, 2007, p. 20 e p. 68.

A questão a se discutir é se realmente nossos corpos estão preparados para a imposição e, mais ainda, o enraizamento social, econômico e cultural da velocidade.

Para chegarmos a essa questão, façamos agora uma breve análise do desenvolvimento ontogenético do corpo do ser humano.

A gestação de um feto humano dura 38 semanas, ou seja, 266 dias. Comparada a outros primatas, o ser humano nasce muito cedo. E muito mais despreparado, se confrontarmos o seu nascimento ao de outros mamíferos, que já nascem caminhando ou correndo, por exemplo.

Como o antropólogo Ashley Montagu (1988, p. 65) deixa claro em seus estudos, o período de imaturidade comportamental da criança humana é um dos mais longos, assim como sua imaturidade bioquímica e fisiológica. Muitos de seus ossos, por exemplo, possuem regiões cartilaginosas, com o objetivo de permitir o crescimento, que só se ossificam de forma completa entre os 18 e 20 anos de idade.

Embora haja uma grande aceleração do ritmo de crescimento do bebê humano em comparação com outras espécies no final do período gestacional, sua extergestação, ou seja, o período de amadurecimento pós-parto, dura também outros 266 dias e meio, conforme aponta Montagu (1988, p. 67). E, segundo Montagu coloca na sequência, a mãe humana o faz com “eficiência consideravelmente maior que a evidenciada pela mãe marsupial”, por exemplo (MONTAGU, 1988, p. 69).

Esta situação nos mostra que o organismo do ser humano possui um tempo a ser respeitado, um biorritmo lento de aprendizagem e amadurecimento, que caso não seja levado em conta, pode ser extremamente prejudicial à criança. Qualquer pessoa que já tenha acompanhado o dia a dia de um recém-nascido pode confirmar isso, pois a criança possui hora certa para se alimentar, para dormir e para suas necessidades fisiológicas. Nada disso pode ser adiantado ou atrasado, mas sim se deve respeitar o momento de fome, sono e demais necessidades primárias.

No entanto, com seu crescimento, conforme vão sendo adicionadas tarefas sociais ao cotidiano desta criança, ela vai se moldando ao ritmo social e cultural no qual vive. Ela vai à escola no mesmo horário que os demais, almoça no horário pré-estipulado e assim por diante.

A pergunta que permanece é se ela realmente se molda e se adapta adequadamente a este ritmo. O tempo não é tomado apenas por tarefas sociais, como ir à escola, mas passa a ser preenchido também com equipamentos midiáticos. Antes o

9º Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero

<http://www.casperlibero.edu.br> | interprogramas@casperlibero.edu.br

rádio, depois se adiciona a TV e agora, além destes, o computador, os celulares e os *tablets*. Nosso questionamento aqui é se realmente é possível ao corpo do ser humano fazer parte de um ritmo incessantemente tomado por aparatos de comunicação como é o nosso ritmo hoje.

Há muitas décadas o ser humano já cresce cercado por estes aparelhos, que ajudam a moldar o seu comportamento e seu ritmo de vida. Atualmente, com dispositivos sempre ligados e muitas vezes online, parece que o comportamento e o ritmo de vida estão cada vez mais entrelaçados ao ritmo dos aparelhos.

Entretanto, existe um relógio interno, nas palavras de Pross, que rege o corpo, um biorritmo, que ao entrar no ritmo social e de trabalho, o ser humano às vezes deixa de lado. O compasso lento do trabalho manual e do então ritmo biológico, por exemplo, há muitas décadas foi substituído pelo compasso (rápido e pouco compatível com o ser humano) das máquinas, que cada vez que ficam ágeis – por conta da valorização da velocidade pela sociedade, economia e política – e cada vez menos respeitam o ritmo lento do corpo.

A questão é entender como os indivíduos têm se adaptado a este ritmo ditado há muito tempo pelas máquinas. Este já foi imposto pelo calendário, pelos sinos das igrejas ou pelos apitos de fábricas, ou seja, um ritmo coletivo, naquele momento, como Pross coloca, serviam para sincronizar os ritmos biológicos a fim de dirigir as energias individuais aos objetos coletivos ⁷ (1999, p. 167). Entretanto, atualmente, com os aparatos digitais sempre conectados e com funcionalidades disponíveis a qualquer momento do dia, essa sincronização social é permeada também pela existência de uma sincronização do indivíduo com seu aparelho. Ele possui acesso à mídia a qualquer momento, mas parece não *escolher* momentos para estar conectado e sim está online e disponível para o aparato e, conseqüentemente, para toda a sociedade, *a todo momento*.

Harry Pross, no livro *Atrapados a La red mediática*, que em português seria algo como *Presos à rede midiática*, lembra que “sem adaptar os órgãos dos sentidos às condições do meio ambiente, nenhuma espécie pode sobreviver” (1999, p. 108)⁸. O ser humano, segundo o autor, possui uma capacidade de adaptação muito grande às condições do ambiente, sejam elas as naturais como também as culturais.

⁷ Tradução nossa. Texto consultado: servían para sincronizar los ritmos biológicos a fin de dirigir las energias individuales hacia objetivos colectivos.

⁸ Tradução nossa. Texto consultado: sin adaptación de los órganos perceptivos a las condiciones medioambientales no puede sobrevivir ninguna especie.

No entanto, se com o ritmo das fábricas, a partir da revolução industrial, que já não era o biorritmo, o corpo muitas vezes não aguentava as horas de trabalho, atualmente, que horários de lazer, descanso e trabalho estão extremamente misturados muitas vezes não se é possível parar para pensar se dormimos ou nos alimentamos bem ou mal, se estamos despertos ou com sono. (Pross, 1999, p. 110).

Entretanto, com a crescente valorização da velocidade – que anteriormente já diagnosticamos e mostramos ser um processo histórico – nota-se que dispor de tempo desqualifica aos que estão parados (Pross, 1999, p. 111). Atualmente ser rápido, fazer parte do *Jet Set* e não da *leisure class*, ser apenas um *voyeur* e não um *flaneur*, é o que a sociedade dita e tem em conta.

Portanto, há uma imposição social que gera um desrespeito ao biorritmo, aparentemente. Mas, não é possível deixar de levar em consideração, a adaptabilidade do corpo do ser humano que Pross (1999, p. 108) salienta em sua pesquisa – inclusive como sendo algo desenvolvido pelo próprio ser humano.

Pross já falava desta adaptabilidade na década de 1970. Autores mais recentes, como Nicholas Carr, que defendem que inclusive o cérebro humano pode se adaptar e, portanto, se modificar, a partir do surgimento da internet e dos dispositivos sempre conectados.

Carr (2010, p. 33) aponta inclusive uma das possíveis origens para a disseminação da hipótese de que o cérebro cessa de se adaptar após uma determinada idade. Segundo o autor, esta é uma metáfora surgida e sustentada pela Era Industrial, em que cada uma das peças do cérebro funcionava como parte de uma engrenagem, ou seja, cada um de nossos neurônios teria uma função pré-estipulada e contribuiria com o andamento geral do todo sem poder modificar suas funções, pois modificá-las seria como quebrar esta máquina perfeita.

Pesquisas mais recentes, no entanto, mostram que o cérebro se adapta, é flexível, suas partes não desempenham papéis rígidos, mudam com a experiência, circunstâncias e necessidades (Carr, 2010, p. 39). “Nossos neurônios estão sempre quebrando antigas conexões e formando novas, e células nervosas novas em folha estão sempre sendo criadas” (Carr, 2010, p. 37).⁹

⁹ Tradução nossa. Texto consultado: “Our neurons are always breaking old connections and forming new ones, and brand-new nerve cells are always being created”.

Ou seja, as ligações sinápticas do nosso cérebro acontecem quando realizamos uma atividade. Se a repetimos, esta ligação se torna mais forte, senão, mais fraca e estes neurônios serão aplicados em outras atividades.

Segundo Carr, *op. cit.*, em épocas anteriores, nosso cérebro parece ter se adaptado a outras invenções, como a escrita, por exemplo. Passamos a poder armazenar as coisas em outras plataformas que não somente o cérebro e, com isso, não é preciso memorizar todo um conteúdo.

Outro exemplo do autor é a cartografia. Após sua invenção, as pessoas podiam atravessar terrenos e mares de forma mais eficaz e rápida, mas, segundo ele, a habilidade destas pessoas para compreender o terreno e criar mapas mentais ricos se enfraqueceu (Carr, 2010, p. 207).¹⁰

Carr (2010, p. 208) também afirma que, ao utilizar uma ferramenta para controlar um determinado ambiente, nós mudamos nossa relação com este lugar. Isto traz um novo aspecto para este artigo, pois, se o cérebro e, portanto, nosso corpo se adapta a novas atividades, então talvez seja realmente possível ele se adaptar à velocidade dos novos equipamentos.

O mesmo autor traz ao longo de seu livro algumas das adaptações que ele julga que o cérebro humano já realizou em torno da internet. A primeira delas já foi colocada acima: a internet como forma de armazenamento da memória, o que é perceptível, por exemplo, com a agenda de números telefônicos dos celulares. Outra seria a forma como a internet modela a maneira de se concentrar e contemplar: o indivíduo agora espera que as informações do cotidiano se movam rapidamente em um fluxo contínuo de partículas (CARR, 2010, p. 18). Ele compara a antiga forma de pensar a um mergulho, enquanto que a nova maneira seria indo rapidamente pela superfície dos fatos, como um jet ski. Atingimos, segundo o autor apresenta, por meio de pesquisas recentes, uma qualidade do pensar em forma de *staccato* (Carr, 2010, p. 19), onde ler um livro grande e denso por completo ou ouvir um álbum de músicas inteiro não parece mais ser uma atividade tão simples.

É importante lembrar, entretanto, que embora nosso cérebro efetivamente, segundo estas pesquisas, seja plástico,

¹⁰ Tradução nossa. Texto consultado: “But their native ability to comprehend a landscape, to create a richly detailed mental map of their surroundings, weakened”.

a questão não é realmente se as pessoas podem ainda ler ou escrever um livro. Claro que podem. Quando nós começamos a utilizar uma nova tecnologia intelectual, nós não mudamos imediatamente de um modo mental a outro. O cérebro não é binário. Uma tecnologia intelectual influencia-nos mudando a ênfase de nossos pensamentos. Embora mesmo usuários iniciantes da tecnologia possam sentir mudanças em seu padrão de atenção, cognição e memória enquanto seus cérebros se adaptam ao novo meio, a forma mais profunda de mudança se dá vagarosamente, através de algumas gerações, conforme a tecnologia se incrusta no trabalho, lazer e educação – em todas as normas e práticas que definem a sociedade e a cultura¹¹ (CARR, 2010, p. 196)

O que é possível então compreender por esta afirmação deste mesmo autor é que, embora efetivamente nos adaptemos à tecnologia e à sua velocidade, este processo ocorre de forma complexa e demorada. Portanto, é natural sentirmos o baque inicial de uma nova velocidade a qual nossos corpos não suportam logo de início, mas que ao longo das gerações, aprendemos a lidar. E não somente aprendemos a lidar como também podemos influenciar a forma como essa tecnologia fará parte de nossas vidas e das gerações futuras.

O importante aqui, não é, portanto, realizar um juízo de valor se estas tecnologias devem ou não prosseguir como parte de nosso dia a dia, afinal, já estão inseridas em nosso cotidiano, sendo inclusive necessárias para o trabalho diário. O que podemos sim é aprender a desenvolver uma ecologia da comunicação, onde corpos e equipamentos aprendam a conviver, para que futuramente não seja uma violência simbólica e concreta viver em meio à tamanha velocidade.

Referências

CARR, Nicholas. **The Shallows – What Internet is doing to our brains**. Ney York: Norton & Company, 2010.

Folha.com. **Banidos da Natação em 2010, supermaios ganham nova versão**. Folha.com.br. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1014768-banidos-da-natacao-em-2010-supermaios-ganham-nova-versao.shtml>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

¹¹ Tradução nossa. Texto consultado: The question, really, isn't whether people can still read or write the occasional book. Of course they can. When we begin using a new intellectual technology, we don't immediately switch from one mental mode to another. The brain isn't binary. An intellectual technology exerts its influence by shifting the emphasis of our thought. Although even the initial users of the technology can often sense the changes in their patterns of attention, cognition, and memory as their brains adapt to the new medium, the most profound shifts play out more slowly, over several generations, as the technology becomes ever more embedded in work, leisure, and education—in all the norms and practices that define a society and its culture.

MONTAGU, Ashley. **Tocar: o significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1988.

PROSS, Harry. **Atrapados en la red mediática: orientación en la diversidad**. Hondarribia: Argitaletxe Hiru, 1999.

TRIVINHO, Eugênio. **A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada**. São Paulo: Paulus, 2007.

Uol Esporte. **Centro de polêmicas, supermaíôs serão proibidos pela Fina em 2010**. Uol.com.br. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/natacao/ultimas/2009/07/24/ult77u2452.jhtm>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 1997.

VIRILIO, Paul. **Velocidad y política**. Buenos Aires: La marca Editora, 2006.